



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 20 - julho de 2018

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2018i20p222-239>

O rosto divino do Absurdo – do suicídio de Kierkegaard

The Absurd's divine face – of Kierkegaard's suicide

*Rafael de Castro Lins**
*Aline Leite Grunewald***

RESUMO

De começo, o artigo ressalta parâmetros essenciais do pensamento filosófico do escritor franco-argelino Albert Camus, mais acertadamente toca nos temas do Absurdo e do Suicídio Filosófico como descritos em *O Mito de Sísifo*. O fito dessa passagem primeira é divisar a perspectiva camusiana acerca do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, a fim de apontar elementos textuais e conceituais que revelem como Camus se inspirou em Kierkegaard para compor a persona religiosa de seu romance mais popular, o Capelão Prisional de *O Estrangeiro*. Um pouco além dessa vereda central em que o texto segue, os autores foram postos em paralelo por via dos temas suscitados por Camus e a partir do sintomático postulado camusiano do qual Kierkegaard é o alvo principal, o Suicídio Filosófico.

PALAVRAS-CHAVES: Absurdo; Suicídio Filosófico; Kierkegaard; *O Estrangeiro*; *O Mito de Sísifo*

ABSTRACT

Firstly, this article approaches the essential parameters of Albert Camus' philosophical thought, especially in relation to the themes described in *The Myth of Sisyphus*: the concepts of the Absurd and Philosophical Suicide. The aim is to apprehend Camus' perspective on the Danish philosopher Søren Kierkegaard, in order to point out the textual and conceptual elements that reveal to which extent Kierkegaard inspired Camus in the composition of the religious character of the Prison Chaplain, in his most popular novel, *The Stranger*. A little beyond this central path, a parallel is drawn between both authors with regard to the themes evoked by Camus and the symptomatic Camusian postulate of which Kierkegaard is the main target, that is, the concept of Philosophical Suicide.

KEYWORDS: *Absurd*; Philosophical Suicide; Kierkegaard; *The Stranger*; *The Myth of Sisyphus*

*Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF – Instituto de Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – Juiz de Fora – MG – Brasil – dicastro.rc@gmail.com

**Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF – Instituto de Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – Juiz de Fora – MG – Brasil – alinegrunewald@hotmail.com

Introdução – Os sinais do Absurdo

De acordo com o filósofo e literato franco-argelino Albert Camus, o Absurdo é inapreensível ao conhecimento – assim como qualquer objeto analisado honestamente –, portanto, não conceituável. A partir dessa premissa que proclama a falibilidade do método ou a impossibilidade de conhecer essencialmente, Camus confessa implicitamente a queda da razão moderna e, em termos mais específicos, uma visagem pessoal que afiança o Absurdo da existência. Em *O Mito de Sísifo*, Camus ensaia uma aproximação filosófica que tem como fito o Absurdo e sua estreita relação com o suicídio. Contudo, antes de continuar sua análise, preestabelece os limites do ensaio: “O método aqui definido confessa a sensação de que todo conhecimento verdadeiro é impossível. Só se pode enumerar as aparências e apresentar o ambiente” (CAMUS, 2013a, p. 26). Embora inapreensível aos fronteirios conceitos da razão moderna, o Absurdo fora apresentado por Camus por meio das suas aparências cotidianas. O intento é enumerar os sentimentos de Absurdo e torná-los reconhecíveis. Em prefácio à obra, o próprio autor indicou o que se poderia achar naquele breve ensaio: “As páginas que se seguem tratam de uma sensibilidade absurda que podemos encontrar esparsa no século [...]. Só se encontrará aqui a descrição, em estado puro, de um mal do espírito” (CAMUS, 2013a, p. 18).

Se seguirmos os sinais do Absurdo, um retrato falado que se vê em toda parte nos será apresentado. Ao longo dos séculos, o Absurdo assume disfarces distintos – camuflado à época – e renasce em obras dedicadas a perscrutar o irracional na existência. Camus, por sua vez, não arroga o conceito de Absurdo, longe disso, ele o procura avidamente naqueles que o antecedem. Não obstante, sua contribuição mais original não seria apenas reconhecer o Absurdo na existência ou em diversos autores consagrados do existencialismo, a ousadia camusiana consiste precisamente em não negar o Absurdo, recorrendo a uma forma peculiar de suicídio que não se detém apenas na morte autoinfligida ao corpo, visto que a razão também se mata quando nega a si mesma.

O Absurdo surge como uma ausência manifesta “em que o coração procura em vão o elo que lhe falta” (CAMUS, 2013a, p. 27). Os gestos cotidianos se dissolvem acompanhados pela sensação de nulidade, a partir daí as forças pouco a pouco se esvaem e o mundo perde qualquer atrativo que gaste interesse. Em palavras mais abstratas, poder-se-ia dizer que o Absurdo é uma forma de daltonismo do ser, que torna

a vida apagada, sem cores, ou a tingem com a cor acinzentada da indiferença. Quando a paz de uma vida maquinal do cotidiano é perturbada por perguntas, carregadas de “por quês”, o indivíduo por instantes desperta para o Absurdo. (CAMUS, 2013a, p. 27). Uma vez desperto, acometido pela angústia que tem diante do nada – no espírito heideggeriano do termo –, o indivíduo pode retornar às acomodações dos hábitos, ao falsear da rotina, ou pode permanecer desperto. Aquele que fez a escolha pela lucidez responderá às consequências que, para Camus, são duas: “suicídio ou restabelecimento” (CAMUS, 2013a, p. 27).

O sentimento de Absurdo se aclara pouco a pouco para o reconhecimento. E nesse caminho, Albert Camus chega ao verdadeiro significado do amanhã: o amanhã traz, além de uma bagagem de futuros supérfluos, a certeza da morte. Assim como Édipo – presa do próprio destino –, uma vítima anuente dos seus delírios de livre-arbítrio, o homem foi feito um “ser-para-morte” e a certeza desse destino inelutável, no instante em que emerge à superfície da consciência, torna-o atado ao Absurdo de uma maneira inseparável. A morte está intimamente ligada ao sentimento de Absurdo, é seu sinal por excelência. Os hábitos podem preservar o homem em um estado de torpor e esquecimento, porém, o sentimento de Absurdo retorna à consciência a cada encontro repentino com a morte, aliás, ressoa Camus, “Sob a iluminação mortal desse destino, aparece a inutilidade. Nenhuma moral, nenhum esforço, são justificáveis *a priori* diante das matemáticas sangrentas que ordenam nossa condição.” (2013a, p. 29). Perante a morte todo feitiço se desfaz e o mundo se apresenta como ele realmente é, hostil, estranho, indiferente, irracional e, acima de tudo, silencioso. É como se alguém pudesse, finalmente, olhar além do dossel e petrificar-se ante o caos que outrora não se via. A morte é antecipada em clarividência e assume seu lugar determinante na vida.

Quando massificada, tal como na guerra, a morte revela-se de modo tão evidente que não se sabe mais negá-la e viver como se ela não existisse de fato. O caráter finito da existência impõe-se como sina, de maneira que os hábitos não sabem mais como encobrir ou desdizer esse revés. É nos rompimentos com o hábito que a consciência se abre para o Absurdo. Os gestos – outrora carregados de razão – são subitamente assaltados pela sensação de esterilidade. A palavra lassidão, com frequência utilizada por Camus, acolhe de fato a imagem desse espírito absurdo esparso no século XX. A lassidão reaparece no fim dessa metamorfose da consciência na forma de confissão de fadiga, de inutilidade do sofrimento ou de “ausência de qualquer motivo profundo para viver” (CAMUS, 2013a, p. 21). De um instante a outro, o sujeito absurdo reconhece-se

abandonado por um Deus que não existe, frágil frente à força esmagadora da morte e longe de qualquer princípio eterno que lhe ofereça uma mínima segurança. Nestes arroubos líricos que se seguem, Camus arrisca uma fotografia imprecisa do Absurdo:

Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes [...] o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo. (2013a, p. 21).

Seria um equívoco compreensível se pensássemos no Absurdo tão somente como um estado da alma, confundindo-o com seus sinais ou reduzindo-o a suas feições psicológicas, vê-lo, por exemplo, como a melancolia que ele provoca. Nessa altura, portanto, convém ressaltar que o Absurdo não é criação do homem ou do mundo, ele é o rebento nascente do choque entre ambos. Em outras palavras, o Absurdo depende tanto do homem e dos seus apetites existenciais quanto do mundo e da força com a qual ele recusa as intenções humanas. A distância que separa o que homem quer e a realidade que o espera, esse fosso, é a medida do Absurdo.

Dessa forma, o que não se pode perder de mira é a confrontação obrigatória, a tensão constante, que propicia o nascer do Absurdo. Em termos outros, à imagem do mito grego¹, o homem está condenado a nunca chegar onde deseja seu coração, não importa o esforço despendido, todo seu trabalho é inútil – eis o Absurdo. Camus, seguindo um lastro existencialista que o antecede, perfila esse ser de desejos lançado em um mundo que lhe é estranho. O método é falível e o que do mundo se conhece com verdade são as medidas criadas pelos próprios homens. Ou de outra, o mundo é desumano e o homem tenta humanizá-lo para satisfazer seus apetites: “é a exigência de familiaridade, apetite de clareza. [...] Essa nostalgia de unidade, esse apetite de absoluto ilustra o movimento essencial do drama humano.” (CAMUS, 2013a, p. 30-31). Amiúde, o que há de unidade e de conhecimento neste mundo que destila estranheza é aquilo que o homem organiza conforme a sua nostalgia do absoluto. Camus reitera: “um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar.” (2013a, p. 21).

¹ Cf. CAMUS, A. O mito de Sísifo. In: _____. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013a, p. 121-124. “Os deuses condenaram Sísifo a empurrar incessantemente uma rocha até o alto de uma montanha, de onde tornava a cair por seu próprio peso. Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança”.

Certo dia, porém, ante os primeiros sinais e ruídos do Absurdo, esse mundo familiar desmorona, desabando cenários, apagando as luzes e devolvendo o homem a sua condição estrangeira. O mundo desnudo de ilusões volta a ser o que realmente é, estranho, opaco, indiferente, irracional. E este novo homem desperto tudo quer: exige conhecer – e a limitada ciência não lhe basta –, reclama de volta todas as possibilidades que a morte lhe tirará e a apatia do mundo só conhece uma resposta: o silêncio. São as ausências, cada vez mais nítidas, que esboçam a real condição em que o homem fora jogado para existir. O abismo entre o homem e o mundo está posto e o que se sabe é que não se pode transpô-lo.

Por último, a relação homem e mundo lança luz à gênese do Absurdo, como nota o filósofo nesta passagem: “O irracional, a nostalgia humana e o absurdo que surge de seu encontro, eis os três personagens do drama que deve necessariamente acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz” (CAMUS, 2013a, p. 39). Albert Camus tateou o quanto pôde, ainda assim não alçou retratar todas as faces desse sentimento, foi então procurá-lo em outros autores, pensadores do irracional – algozes da razão –, que como ele foram peregrinos nessa mesma paisagem deserta.

1 Do Suicídio Filosófico

Ao discorrer acerca do Suicídio Filosófico, Albert Camus ateu-se à filosofia existencialista e, antes de principiar, delineou noções lógicas inerentes ao Absurdo. Em *O Mito de Sísifo*, o filósofo apresenta o Absurdo aos moldes de uma equação que responde a três termos essenciais, isso significa dizer que na falta de um desses termos – ou na falta do próprio Absurdo – a tensão existencial será desfeita, invalidando, assim, a reflexão sobre o tema. Dois desses termos são antagônicos, o homem e o mundo, o choque entre eles estabelece o último termo obrigatório, o próprio Absurdo. As palavras de Camus simplificam o raciocínio:

A singular trindade [...] ela não pode ser dividida. Destruir um dos seus termos é destruí-la totalmente. Não pode haver absurdo fora de um espírito humano. Por isso o absurdo acaba, como todas as coisas, com a morte. Mas tampouco pode haver absurdo fora deste mundo. [...] Aparece aqui uma regra de método antes evocada. (2013a, p. 41-42).

Uma dança a três, homem, mundo e Absurdo. Não há jogo sem regras. Tais premissas são essenciais para Camus, haja vista que a partir delas ele constrói um pensamento que se eleva e, ao cabo, permite negar em termos lógicos o suicídio. O problema camusiano consiste em descobrir se o suicídio é ou não é uma consequência razoável do Absurdo, portanto, escamotear qualquer uma dessas pessoas trinitárias – homem, mundo e Absurdo – desfaria o problema e a necessidade de uma resposta. De igual modo, nesse ínterim camusiano, o Absurdo é o problema motor do seu raciocínio e não pode deixar de sê-lo, “O Absurdo só tem sentido na medida em que não seja admitido.” (CAMUS, 2013a, p. 42). Se o homem se adere ao Absurdo – se aceita o irracional incondicionalmente cruzando os limites da razão –, o Absurdo está desfeito. Se no linear da equação existencial o homem desaparece – suicida-se, por exemplo – não há mais Absurdo. Se o mundo se desse ao homem de uma forma racionalizável, se não lhe fosse estranho e denso, novamente, não haveria o Absurdo. Se não fossemos estrangeiros desterrados nesse mundo ou “Se o homem reconhecesse que o universo também pode amar e sofrer [conclui Camus], estaria reconciliado.” (2013a, p. 31).

Até aqui fora dado o método camusiano. Seguindo o raciocínio do ensaísta, o suicídio – que eliminaria o homem dessa dança trinitária – foge à regra, arruína o Absurdo e, por conseguinte, invalida a proposta camusiana que vislumbra uma vida lúcida, ainda que sob a tensão do Absurdo. Outro desvio metodológico consiste na evasão, essencialmente religiosa, diante da constatação do Absurdo. Matar-se, seja a morte do corpo ou o abandono da razão, representa um tipo de deserção existencial, ou seja, foge-se da realidade absurda extirpando os únicos mediadores entre o homem e o mundo, a razão e a existência.

Nosso escritor parte de um ambiente comum, um ponto de chegada que recebeu os mais diversos críticos do racionalismo. Camus arrazoar uma conclusão herdada do existencialismo moderno, ao afirmar que “Este mundo não é razoável em si, eis tudo que se pode dizer”, e acresce “Porém o mais absurdo é o confronto entre o irracional e o desejo desvairado de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem.” (CAMUS, 2013a, p. 34). A mirar o significado do Suicídio Filosófico, o ensaísta faz uma passagem pontual pelas testemunhas do Absurdo, pensadores do irracional que desvelaram a impotência da razão diante de um mundo opaco e antinômico. Interessa a concordância existente entre eles, a saber, o modo como giram em torno do caos, do fracasso da razão, da irracionalidade do mundo – paisagens que lhes são comuns. Contudo, Camus nota nesses estimados autores da filosofia existencial formas de evasão

deste universo sufocante onde reina o Absurdo. Tais fugas metafísicas, de cunho filosófico ou religioso, foram nominadas pelo autor como Suicídio Filosófico. A título de exemplo, Camus faz menção a alguns pensadores modernos que, cada um a seu modo, escapam desse ambiente perturbador por intermédio de algum recurso transcendente. Embora não seja a religião o que ocupa o pensamento desses autores – exceto Kierkegaard –, o raciocínio que não se move dentro dos limites da lógica humana, assevera Camus, “Posso chamá-lo de um salto.” (2013a, p. 43). Assim, autores como Jaspers, Kierkegaard, Chestov e Husserl, sob o olhar camusiano, se tornaram modelos de suicidas filosóficos. Doravante, imerso na tradição do pensamento humilhado², Camus tece alegorias sobre esses e outros pensadores que legaram os direitos do irracional:

Talvez nunca tenham existido espíritos tão diferentes. Mas, apesar disso, reconhecemos como idênticas as paisagens espirituais por onde transitaram. [...] Pode-se sentir que há um ambiente comum aos espíritos que acabamos de recordar. Dizer que esse ambiente é mortífero não passa de jogo de palavras. Viver sob este céu sufocante nos obriga a sair ou ficar. A questão é como se sai, no primeiro caso, e porque se fica, no segundo. (2013a, p. 40).

Periodicamente, a pergunta pelos limites da convivência com o Absurdo, da parte desse homem lúcido diante do nada, ressuscita nos escritos camusianos. Tais espíritos penam sob o peso do mesmo céu sufocante, rolam pedras que assaltam o fôlego e fazem-nos, a todo tempo, cogitar a saída. Coabitar com a ausência de sentido, como com o fantasma do membro amputado, torna natural pesar continuamente o suicídio como saída. Embora Camus argumente, tenazmente, sobre a antilógica do suicídio – seja do corpo ou da razão –, considerá-lo é parte integrante do processo de tornar-se um homem lúcido. À vista de todo o desespero envolto nesse trajeto, Camus apregoa por meio de um de seus personagens na peça *Calígula*: “Como é duro, como é amargo a gente tornar-se um homem!” (CAMUS, [19--], p. 32).

De fato, a saída à qual se refere pertence à decisão pelo suicídio. Aliás, o suicídio no dizer camusiano depreende duas saídas: a morte do corpo ou a morte da razão. O assassinio do corpo – matar-se literalmente – equivale à fuga do Absurdo e a derrocada desse ser que fora “obrigado sair”. Nas palavras de Camus, é “confessar que

² “Sempre houve homens para defender os direitos do irracional. A tradição do que podemos chamar de pensamento humilhado nunca deixou de estar viva. A crítica ao racionalismo foi feita tantas vezes que parece não haver mais o que dizer.” (CAMUS, 2013a, p. 35).

fomos superados pela vida ou que não a entendemos [...]. Trata-se apenas de confessar que isso não vale a pena.” (2013a, p. 21). Em termos camusianos, o suicídio também pertence ao assassinio da razão limítrofe, uma vez que ela é abandonada quando se chega aos seus limites. Por outras palavras, o Suicídio Filosófico é a própria negação da razão com o fim de apaziguar a nostalgia humana por meio de um salto metafísico que ultrapassa as fronteiras lógico-rationais. O que lhe apetece lhe será dado somente na medida em que a razão for sacrificada num ato essencialmente religioso – e redentor. Tal disposição do espírito não é novidade no universo plural das religiões, aliás, o que estarrece Camus é também encontrá-la em categorias racionais.

Essas negações redentoras, essas contradições finais que negam o obstáculo que ainda não foi superado, tanto podem nascer (é o paradoxo deste raciocínio) de uma certa inspiração religiosa quanto da ordem racional. Elas sempre aspiram ao eterno, e só nisso dão o salto. (CAMUS, 2013a, p. 50).

Novamente, o método sofre traição, uma vez que, a fim de superá-lo, o Absurdo é admitido. A tensão que opõe homem e mundo será desfeita no momento que o homem assente incondicionalmente com o irracional da existência, neste instante ele foge à paisagem desértica em que adentrou e em um ato de fé – ato que nega a razão – se vê enfim reconciliado. Camus acredita que entregar-se assim ao mistério incomensurável da existência, ainda que num ato deveras sincero, significa divinizar aquilo que oprime o homem, consiste no esforço desesperado que pretende arrancar esperanças do seu contrário. (CAMUS, 2013a, p. 45). É como enxergar de repente os limites da razão, frustrar-se de tal maneira com a fragilidade deste pretense deus moderno ao ponto de mergulhar na total irracionalidade do mundo. Nesse viés, ainda não percorrido até o fim, orienta-se o Suicídio Filosófico.

Os exemplos apresentados em *O Mito de Sísifo* ilustram o arrazoado camusiano. Camus reconhece pensamentos peregrinos que percorrem a existência e, finalmente, chegam ao Absurdo, sua estação final. Alguns autores, porém, ao chegar nesse ponto conclusivo, impossibilitados de seguir adiante, preferem calar – assim eles permanecem lógicos. Outros preferem renunciar à razão, transpor os seus confins e estender o pensamento para muito além do razoável. O filósofo russo, Leon Chestov, ao ver de Camus, enquadra-se nesse segundo caso. Chestov desmascarou a falência do projeto iluminista, enveredou pelo universo do pensamento humilhado e reconheceu o Absurdo imbricado na ossatura da existência, a partir desse ponto, porém, seguiu cego na direção

do transcendente. Camus acusa Chestov de atentar contra a própria razão, porquanto, ele vê – na escuridão inominável que reside além dos marcos da lucidez – um rosto divino, Deus. O imponderável torna-se pretexto para existência da divindade. Neste “momento [pontua Camus] em que sua noção se transforma em trampolim de eternidade, não está mais relacionada com a lucidez humana.” (2013a, p. 45). Ao opor-se à fuga de Chestov, Camus pretende salvaguardar o método a fim de preservar a aguerrida luta entre a razão humana e a irracionalidade da experiência. O desafio é permanecer lógico até o fim.

Finalmente, ao mirar nesses exemplos, Camus evidencia que o Suicídio Filosófico incorre no erro de divinizar o irracional ou a própria razão. A questão do ensaio abstém-se quanto às benesses desses saltos metafísicos, o que interessa a Camus é saber se é possível viver sob esta condição absurda sem negá-la ou divinizá-la. Suicidar-se, nesse entretempo, significa fugir à luta. O fito de Camus – como uma confissão – se revela afinal: “Quero saber se posso viver com o que sei, e só com isso. [...] se reconheço os limites da razão, nem por isso a nego, [...] Só quero continuar neste caminho médio onde a inteligência pode permanecer clara.” (CAMUS, 2013a, p. 49). O pensamento camusiano, como um filho pródigo, deixou as moradas seguras do eterno e retornou a sua condição estrangeira. Não obstante, antes de seguir essa estrada sem volta, compete-nos passar por outro exemplo de suicida, o mais fascinante deles.

2 Um salto de fé – ou o suicídio de Kierkegaard

A comunhão temática existente entre Camus e Kierkegaard, assim como a influência literária deste último sobre Camus, torna possível aproximá-los sem escapar ao tema. Camus dedicou uma fração significativa de *O Mito de Sísifo* compondo diálogos com Kierkegaard, fazendo-o o exemplo mais toante de suicida filosófico. O filósofo dinamarquês tornara-se exemplar por render-se estupefato – levado por intensa atração – ao fascínio incomensurável do irracional. Para Søren Kierkegaard, “a antinomia e o paradoxo se tornam critérios do religioso. [...] O cristianismo é o escândalo e o que Kierkegaard pede com simplicidade é o terceiro sacrifício exigido por Inácio de Loyola, aquele com que Deus mais se delicia: ‘o sacrifício do Intelecto’.” (CAMUS, 2013a, p. 47).

A despeito dessa antecipada conclusão camusiana acerca de Kierkegaard, de certo, Camus descende do eco filosófico existencial deste que desvelou o Absurdo da existência aos olhos da Modernidade. Kierkegaard ressuscitou a presença do irracional.

Corroeu pouco a pouco a pureza da razão erigida tão perfeitamente pelos seus antecessores, e isto o fez ironicamente por meio da fé. A fé exemplar de Abraão – encontrada fora e além dos parâmetros ético-rationais (KIERKEGAARD, 2009, p. 118) – serviu-lhe no ataque que faria ruir a pretensiosa razão moderna. Muitos outros pensadores seguiram pelas frestas e rachaduras que Kierkegaard abriu no monumento à razão, entre eles o já tardio Camus.

Kierkegaard enxergou a incoerência primeira, o imenso vazio de sentido e de razoabilidade da vida e a tudo isso Camus chamou de Absurdo. Todavia, nesse ínterim kierkegaardiano – após o esvaziamento de todas as instâncias da existência desde o estético ao ético –, após tudo resignar, o indivíduo encontra-se a um salto de distância da fé. Camus conversa com Kierkegaard tão somente durante a travessia do deserto existencial – no reconhecimento do desespero do homem e do Absurdo da existência –, no entanto, quando Kierkegaard ousa cruzar as fronteiras desse deserto, quando ousa saltar para fora dele num voo apaixonado em direção ao irracional, Camus titubeia.

Kierkegaard fora, afirma Camus, aquele que contemplou o Absurdo em sua face mais real e mais bravia, ele fragmentou os absolutos e multiplicou as contradições. Nem a moral – que assumira um lugar privilegiado no pensamento racional – foi poupada pelas assertivas kierkegaardianas (CAMUS, 2013a, p. 37-38). O exemplo da fé de Abraão foi a agulha com a qual provocou a razão, assim pôde argumentar sobre a existência de imperativos que superam até mesmo a ética. Antes da jornada espiritual sugerida em Kierkegaard, Camus encontrara nele uma testemunha do Absurdo, alguém que como ele viu um mundo ainda informe e vazio, onde as luzes do racionalismo não sabiam iluminar. No entanto, Camus peregrinou solitário nesse deserto do Absurdo, pois Kierkegaard – como tantos outros existencialistas – incorrera no Suicídio Filosófico. Sacrificou, ao lado de Isaque, sua razão nos altares do imponderável. Não suportou viver naqueles ares pestilentos do desespero.

As interpelações camusianas a Kierkegaard, o lugar a partir de onde fala para pô-lo em dúvida, têm origem principalmente na obra kierkegaardiana *Temor e Tremor*³. Nela Kierkegaard retorna à narrativa bíblica do mito de Abraão e a redescobre sob um olhar existencial. Em subida pelo monte Moriá, o mito de Abraão conta como Deus ordenara o sacrifício de Isaque – nascido de uma promessa divina a Abraão – pelas

³ Em *O Mito de Sísifo*, Camus também faz referências indiretas à outra obra de Kierkegaard, *O Desespero Humano*; porém, *Temor e Tremor* serve-lhe diretamente e é a partir dessa obra que o autor compõe seus principais argumentos.

mãos do próprio pai. No instante final, já prestes a ensanguentar-se, Abraão fora interrompido por nova ordem divina e Isaque foi poupado (Gen. 22. 1-2). Na incompreensibilidade desse ato, no modo como Abraão segue à mercê do irracional, reside a força impressionante da fé abraâmica. O filósofo dinamarquês toma o exemplo de Abraão como parâmetro para a fé cristã, traduzindo-o nestas palavras: “Através do seu acto, excedeu inteiramente o ético e atingiu um τέλος [fim] superior fora dele, em relação ao qual suspendeu o ético.” (KIERKEGAARD, 2009, p. 118).

O mito abraâmico exemplifica a jornada que leva ao irracional – uma subida de fé movida por um ato deveras inexplicável em termos éticos ou racionais. Abraão caminhou para sacrificar o filho e na adesão incondicional a essa loucura inconcebível consistiu a força da sua fé. Por outro lado, pondera Camus: “Se substituir seu grito de rebeldia por uma adesão furiosa, ele será levado a ignorar o absurdo que o iluminava até então e a divinizar a única certeza que daí por diante terá: o irracional.” (CAMUS, 2013a, p. 47-48). As palavras que rememoram o mito de Abraão e a sua jornada absurda referem-se, de fato, a Kierkegaard e ao bojo existencialista compendiado por Camus em *O Mito de Sísifo*. Agarrar-se ao Absurdo, diria Camus, é vê-lo divino. Albert Camus prefere a tragédia de Édipo à reconciliação de Abraão, a fuga furiosa da soberania dos deuses – ainda que esta seja inútil – à adesão apaixonada ao despotismo de um Deus.

Camus respondeu ao pensamento de Kierkegaard contrapondo o ponto fundante da sua filosofia, o salto de fé kierkegaardiano. E por sobre esse encontro intencional de Camus e Kierkegaard, poder-se-á notar pontos de ruptura e de retorno entre os dois autores. Kierkegaard declara:

Se no homem não houvesse uma consciência eterna, se na origem de tudo se encontrasse apenas uma força bravia e lêveda que ao contorcer-se em escura paixão tudo criasse, o que fosse grande e o que fosse insignificante; se um vazio sem fundo, nunca saciado, sob tudo se escondesse, que outra coisa seria a vida a não ser o desespero? (KIERKEGAARD, 2009, p. 65).

Camus, sem furtos, responde a *Temor e Tremor*:

Kierkegaard pode gritar [...] Este grito não pode deter o homem absurdo. Buscar o que é verdadeiro não é buscar o que é desejável. Se, para fugir da pergunta angustiante: “o que seria então a vida?”, é preciso alimentar-se, como o asno, das rosas da ilusão antes que se resignar à mentira, o espírito absurdo prefere adotar sem tremor a resposta de Kierkegaard: “o desespero”. (CAMUS, 2013a, p. 50).

São dois olhares, separados por aproximadamente um século, que se esbarram em seus retornos à história e às questões do tempo, os olhares da fé e da razão quedada. Camus acentua o empenho desvairado dessa inteligência kierkegaardiana em subtrair-se do caos antinômico em que fora posta, paradoxalmente, recorrendo – lançando-se confiadamente – ao irracional. *O Mito de Sísifo*, porém, assegura que as medidas humanas são as únicas que aos homens foram dadas.

Contrário à fé movida pela força do Absurdo, Camus assevera: “O absurdo, que é o estado metafísico do homem consciente, não conduz a Deus.” (CAMUS, 2013a, p. 49). O Absurdo é, antes, uma condição ignóbil de um homem consciente das fronteiras da razão. O engano, retoma ele, está em afeiçoar-se ao Absurdo como a vítima que se afeiçoa ao seu agressor. O que excede a lucidez é enxergar-se acolhido nesse sequestro da existência, nessa falsa pátria, “[...] e me asseguram [pontua] que essa ignorância explica tudo e que essa noite é a minha luz. Mas aqui não respondem a minha intenção e esse lirismo exaltante não pode me esconder o paradoxo.” (CAMUS, 2013a, p. 49).

Uma conclusão medular do ensaio camusiano é que “Kierkegaard também dá seu salto” (CAMUS, 2013a, p. 47) do desespero ao Cristianismo. Talvez nada simbolize a realidade do Absurdo tal como a cruz cristã – o crucificado dependurado nela –, impotente e por seu Deus abandonado. Uma história que, se assim terminasse, seria a mais crível das narrativas, um evangelho Absurdo. Tomando o Absurdo como o substrato da fé, Kierkegaard, arraigado às narrativas evangélicas, extrai “esperança do seu contrário que é a morte” (CAMUS, 2013a, p. 48). E assim fora reconciliado. Afinal, ao espírito atormentado pelo Absurdo somente há paz no suicídio – do corpo ou da razão.

3 Kierkegaard – o Capelão sem nome

Kierkegaard, “talvez o mais interessante de todos [os suicidas filosóficos]” (CAMUS, 2013a, p. 37), inspira declarada simpatia em Camus que, entrementes, o enfrenta mesmo simpático ao modo como ele contemplou o Absurdo em sua face mais desesperadora. A influência de Kierkegaard sobre o filósofo argelino mostra-se, de antemão, uma realidade crível. Kierkegaard ecoa sobre a composição literária de Albert Camus, ambos os filósofos atuam em atos distintos de um mesmo espetáculo que encena a queda da razão moderna. A comunhão entre eles é um fato hermenêutico, resta

por agora identificar as possíveis aparições do legado kierkegaardiano no escrito de Camus. Crivelmente, os pontos de contato literário são muitos. No entanto, neste tomo final do artigo nos restringiremos, para os fins estabelecidos, ao romance *O Estrangeiro* (1942).

No papel de romancista, com frequência Albert Camus elabora personagens que exercem um tipo literário religioso. Amiúde, os personagens religiosos de Camus correspondem a realidades ou personalidades históricas, como revelou o próprio Camus no artigo *Pourquoi L’Espagne* (CAMUS, 1965, p. 391), que escrevera em resposta às críticas e dúvidas de Gabriel Marcel à adaptação teatral *Estado de Sítio*. Para explicar a escrita amena, complacente e até positiva com que o romance *A Peste* dispõe a Igreja cristã e a importante figura do padre Paneloux, Camus respondeu-lhe do seu desejo pessoal de fazer justiça, por meio do romance, aos amigos cristãos que ao seu lado resistiam à Ocupação Alemã. Com essa assertiva em mente, não admira a hipótese de que Camus se inspirou em Kierkegaard para compor outra persona religiosa.

Nossa hipótese traduz-se pelo esboço comum que aproxima a imagem camusiana de Kierkegaard ao Capelão prisional do popular romance *O Estrangeiro*. Dois espíritos irmanados pela mesma ideia de Deus. Se examinássemos *O Mito de Sísifo* como outro romance camusiano, Sísifo seria seu protagonista e Kierkegaard seu usual personagem religioso. Não por acaso, *O Estrangeiro* fora publicado quase simultaneamente ao *O Mito de Sísifo*, em 1942. Ambas as obras se espelham ao tocar no mesmo tema, o Absurdo, cada uma ao seu modo elas contam a mesma história.

O Capelão prisional, o último a visitar Meursault encarcerado, instiga o prisioneiro – condenado à morte – a uma emblemática conversa ao fim do romance. O encontro de Meursault – o anti-herói camusiano – com esse homem deveras religioso encerra-se com o fim do romance, como se o clímax final do homem moderno o lançasse ao seu enfrentamento último, a questão Deus. O prisioneiro recusou diversas vezes aquela visita inoportuna e, quando não mais o pôde evitar, ouvia-o com desprezo. Como fizera ante qualquer acontecimento até aquele ponto da história, Meursault tratou da questão Deus com habitual desinteresse. O Capelão sem nome, de certo, conhecia o jogo do Absurdo. Naquela pequena cela, onde mal se moviam, eram dois espíritos irmãos expostos ao despropósito da vida que conversavam. O padre, enfim, pergunta-lhe ao mesmo tempo em que afirma: “Não tem então nenhuma esperança e consegue viver com o pensamento de que vai morrer todo por inteiro?” Logo em seguida, Meursault responde-lhe “sim”. O padre, porém, não acreditava haver alguém que

carregasse tal fardo, de fato “achava isso impossível de suportar para um homem.” (CAMUS, 2013c, p. 106). Uma verdade absurda assim lhe parecia intragável.

Se lidas em concomitância com *O Mito de Sísifo*, as palavras do Capelão soam como se se ouvisse o próprio Kierkegaard a declamar que sem esperança “que seria a vida senão o desespero?”. Se lidas novamente, poder-se-á ouvir o próprio Pascal a dizer: “diga-se em seguida se não é indubitável que não existe bem nesta vida a não ser na esperança de outra vida.” (PASCAL, 2001. Laf. 427; Bru. 194, p. 167). Meursault dirá ao Capelão, em moldura narrativa, o mesmo que disse Camus outrora a Kierkegaard em *O Mito de Sísifo*. Antes, porém, o padre descreveu-lhe aflito as paredes da prisão, o desespero de onde advinha sua esperança: “Todas essas pedras transpiram dor, eu bem sei. Nunca olhei para elas sem angústia. Mas, no fundo do coração, sei também que os mais miseráveis dentre vocês viram sair da sua obscuridade um rosto divino. É este rosto que lhe pedem para ver.” (CAMUS, 2013c, p. 107).

Outra passagem do romance não resumiria tão bem o Suicídio Filosófico de Kierkegaard como esta: “[ver] sair da sua obscuridade um rosto divino”. A parábola do Capelão prisional foi recontada no ensaio camusiano e Kierkegaard fora seu exemplo ilustrativo. Também para o Capelão, a antinomia da existência torna-se passagem para a religião, como nota Camus, “Ele [Kierkegaard] faz do absurdo o critério do outro mundo, enquanto não passa de um resíduo da experiência deste mundo.” (CAMUS, 2013a, p. 47).

Meursault recusa tal esperança. Rejeita a escapatória que apenas o suicídio alardeia. Seu apego à vida – absurda como ela é – era tamanho que não ousaria trocá-la por um céu incerto. Nas últimas páginas do romance, em um surto explosivo, Meursault agarra-se à batina do padre devolvendo-lhe suas verdades, despejava-as sobre ele uma a uma. Contava o que se passara em sua mente naquele instante de fúria:

Nenhuma das suas certezas valia um cabelo de mulher. Nem sequer tinha a certeza de estar vivo, já que vivia como um morto. Eu parecia ter as mãos vazias. Mas estava certo de mim mesmo, certo de tudo, mais certo do que ele, certo da minha vida e desta morte que se aproximava. Sim, só tinha isto. Mas ao menos agarrava esta verdade tanto quanto esta verdade se agarrava a mim. Tinha tido razão, ainda tinha razão, teria sempre razão. (CAMUS, 2013c, p. 108).

Meursault preferiu a certeza da morte às certezas que não se veem senão pela fé. Embora as verdades alcançadas pela razão sejam ridículas – como um fio de cabelo de

mulher – ou cruéis como a certeza da morte, ainda assim elas são tudo o que homem dispõe – ele só tinha isto –, apenas acerca dessas verdades pueris ele pode estar certo. As verdades da fé se alargam para a eternidade, mas o homem que as tem não terá ao lado delas a frágil razão à qual Meursault agarrava-se com um viço de obsessão.

O Capelão sem nome via-o à espera da morte e isso o angustiava, pois ainda não se desprendera daquela certeza demasiada humana: “Também ele seria condenado” (CAMUS, 2013c, p. 109) e neste dia não importaria por que causa, ao cabo que todas as coisas se equivalem no pensamento absurdo. O padre testemunhara outros condenados, como ele, sacrificarem as únicas certezas que tinham a fim de sanar “[...] esse mal que leva à morte sem mais nada depois dela.” (CAMUS, 2013a, p. 35). Meursault, no entanto, como se o próprio Camus lho usasse como voz, negou-se a ver o que fora pedido – o rosto de Deus embebido na obscuridade do irracional.

Kierkegaard assenta sobre esse insolúvel paradoxo toda uma elevação que se encerra em Deus, Camus, como fizera Meursault, enfrenta-o a fim de salvaguardar os direitos do racional. Ele recusa o lanço – o salto metafísico. Camus decidiu por ficar. Ficar e cruzar os desertos da existência – conviver com um mal sem cura – sem os frescores da fé. Ficar e beber daquele cálice sem pedir para passá-lo. Sabia que o desafio maior era sustentar-se ali sob aquele céu sufocante, munido de uma razão frágil, como um estrangeiro sem um lar para onde voltar. Kierkegaard e Camus avistavam um mesmo abismo de densa escuridão, o primeiro ousou saltá-lo e o último ousou ficar à beira. O que lhes era comum? Ora, a visão do abismo!

Conclusão – O rosto de Deus

Em última instância, no desenrolar do texto, o fim almejado mirou *O Estrangeiro*, em especial o emblemático personagem religioso do romance, o Capelão sem nome. Um passo adiante, o fito último deste artigo consistiu na luz lançada sobre a proximidade lítero-filosófica entre a imagem camusiana de Kierkegaard – como arrolada em *O Mito de Sísifo* – e a persona religiosa do Capelão. Para tanto, de antemão, fora preciso apresentar os fundamentos teóricos sobre os quais Albert Camus soerguera sua literatura romanesca e filosófica, o Absurdo e o Suicídio Filosófico. Tais visagens conceituais da existência serviram-nos, aqui, como elementos comuns, que perpassam tanto *O Mito de Sísifo* como *O Estrangeiro*. Portanto, fora mister apresentar o Absurdo camusiano e a forma mais usual de escapá-lo: o suicídio, do corpo ou da razão.

De fato, Camus inspira-se em Kierkegaard, em seu legado filosófico, não apenas como filósofo e ensaísta, mas também como romancista, encarnando o espírito kierkegaardiano em um dos seus principais personagens-tipo. Camus acredita, com veemência, que Kierkegaard outrora viu o que ele via – que o mesmo céu os sufocava –, dos escombros da razão moderna ambos avistavam uma paisagem comum e aterradora: a visão do Absurdo da existência, o choque entre a nostalgia humana e o silêncio opaco do mundo, os atropelos da morte e a falência da razão. Nos rastros de Kierkegaard, Camus o seguiu por entre esse deserto da consciência lúcida até o limiar exato do salto kierkegaardiano, o salto do desespero à fé.

Desvelar o Absurdo da existência ou reafirmar a irracionalidade que impera sobre a relação homem e mundo não é o propósito maior do autor de *O Mito de Sísifo*, antes disso, Camus quer saber se a vida vale a pena ser vivida sob essa condição, se é razoável viver em posse dessa consciência esmagadora. Nesse sentido, para que fosse possível o teste da sua hipótese, fora preciso inicialmente negar o suicídio como consequência lógica do Absurdo. Contudo, para Camus, mata-se não só o corpo, mas também a razão quando se quer ultrapassar os seus limites. Deus, a despeito da religião que o comporta, reside além de qualquer medida humana racional, tê-lo seria abraçar o incomensurável ou caminhar onde as luzes do conhecimento não sabem iluminar. Deus é a completa desrazão esparsa num abismo obscuro e sem fundo. Se considerarmos a angústia, o desamparo ou o desespero que assola o homem-no-mundo, de fato, o lançar-se incondicionalmente nesse abismo tornar-se-á compreensível. Porém, por uma questão de método, de acordo com Camus, saltar significa também suicidar-se – no sentido camusiano do termo.

Uma vez que se descobriu que a vida não tem sentido, não é lógico afirmar a existência de sentido fora da vida. Porque não há sentido aqui onde conheço, certamente haverá sentido lá onde desconheço, esse não é um raciocínio dirigido pela lógica, atende muito mais aos imperativos do desejo do que aos da razão. Afinal, embora seja a razão insatisfatória, impotente ante a irracionalidade e o desgoverno do mundo, ela é tudo que temos, ela demarca os limites da visão humana. Ainda que o reino dos céus, como os evangelhos o prometeram, seja desejável ao homem, Camus reitera: “[...] todo meu reino é deste mundo.” (CAMUS, 1996, p. 107).

O Capelão não podia acreditar naquele homem que, condenado à morte, recusava em seus últimos instantes de vida uma esperança reconciliadora. Ao cabo, o religioso sabia que todos os homens, de antemão, estão condenados à morte, dessa

forma não lhes restaria alternativa senão a esperança. Pois bem, Camus resolveu considerar outra saída além da esperança. Nesse sentido, é possível compreender a negação camusiana do salto de fé kierkegaardiano em *O Mito de Sísifo*, tal como a resistência de Meursault à esperança oferecida pelo Capelão sem nome. Ao longo de todo o romance, Camus omitiu o nome daquela inteligência religiosa que recebeu, ao fim da história, a recusa furiosa de Meursault. A hipótese medular deste artigo consistiu na análise da obra espelho de *O Estrangeiro*, isto é, atravessamos *O Mito de Sísifo* e nele encontramos um nome para o Capelão sem nome, ousamos chamá-lo de Kierkegaard. Em outras palavras, a partir de um esboço conceitual comum, Camus compusera duas personas irmãs – Kierkegaard e um personagem-religioso-tipológico.

Além da intenção declarada do autor de trabalhar o mesmo tema através de distintos gêneros literários⁴, o principal indicativo que aproxima Kierkegaard do Capelão é hermenêutico, diz respeito ao esforço de ambos para fugir ao Absurdo, escapar à antinomia que os esmagava, além do empenho de Camus para desdizê-los. Ao fim e ao cabo, no momento em que chegam à certeza do Absurdo, à incoerência original que habita a existência, Kierkegaard, o Capelão e outros tantos pensadores suicidas nos pedem para ver “sair [desta] obscuridade um rosto divino”. Temendo a permanência nesse abismo, onde o ser está suspenso sobre o nada, onde não há solidez para se firmar os pés, eles travestem o Absurdo com uma aparência divina e nos pedem um salto confiante na direção desta escuridão inominável – que lhes convém chamar de Deus. Camus fez sua paragem antes do salto, à beira do abismo, porquanto olhou bem no coração do Absurdo e, a despeito da sua vontade, não viu o rosto de Deus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. Edição revista e atualizada no Brasil.

CAMUS, A. *Calígula; O Equívoco*. Trad. Raul de Carvalho. Lisboa: Edição Livros do Brasil, [19--].

_____. *Essais*. Paris: Gallimard, 1965.

_____. *Estado de sítio; O estrangeiro*. Trad. Maria Jacintha e Antônio Quadros. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

⁴ Camus elegeu temas de importância e os trabalhou de diferentes formas, como o Absurdo expresso aos moldes do romance, com *O estrangeiro*, aos tempos do teatro, em *Calígula*, *O Equívoco* e na forma de ensaio, com *O mito de Sísifo*. (CAMUS, 2013a, p.10).

_____. *O avesso e o direito*. Trad. Valerie Rumjanek. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. *O mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013a.

_____. *A peste*. Trad. Valerie Rumjanek. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013b.

_____. *O estrangeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013c.

KIERKEGAARD, S. *O desespero humano*. Trad. Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *Temor e tremor*. Trad. Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

PASCAL, B. *Pensamentos*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Data de submissão: 20/02/2018

Data de aprovação: 25/03/2018